

Editorial

O CUSTO DE PESSOAL

Reportagem de **O TEMPO** de ontem afirma, depois de ter ouvido especialistas, que União, Estados e municípios estão ameaçados de entrar em colapso, “dentro de pouco tempo”, se a economia não voltar a crescer, aumentando as respectivas arrecadações de impostos. Os governos estão em dificuldades para pagar seu funcionalismo. Estados e municípios estão atrasando o acerto da folha. Em Minas Gerais, o pessoal, além de receber com atraso, está obtendo seus vencimentos de modo escalonado porque não há dinheiro em caixa. Apesar disso, a população tem uma ideia de que o funcionalismo público é bem-remunerado. Ela formou essa opinião observando os ganhos do alto escalão, como os de juízes e deputados, e a baixa qualidade dos serviços que lhe são prestados pelos servidores que a atendem. No Estado, cada mineiro contribuiu, no ano passado, com R\$ 2.200 em impostos para pagar o funcionalismo estadual do Executivo, do Legislativo e do Judiciário. Ele participou ainda com valores extras para pagar os quadros dos serviços públicos federal e municipal. O problema é que é difícil reduzir a folha de pessoal. Cada vez mais esse gasto avança sobre a receita, comprometendo os governos no cumprimento da Lei de Responsabilidade Fiscal. Entre 2009 e 2015, em Minas, essa despesa subiu 112%. Uma das causas do problema é o custo com o pagamento de aposentadorias e pensões. As pessoas estão vivendo mais tempo. E servidores públicos se aposentam mais cedo. Quando isso ocorre, abre-se uma vaga, e o custo do Estado é multiplicado por dois. Ao Estado é atribuída a obrigação de prestar serviços básicos e gratuitos à população. Isso é feito por meio dos servidores públicos. Se o governo paga mal ou atrasa o pagamento de seu pessoal, não pode contar com ele para prestar bons serviços à população. Governo que não consegue pagar seu funcionalismo é um governo fraco.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí

PRESIDENTE Laura Mediolí

VICE-PRESIDENTE Marina Mediolí

DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORIA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

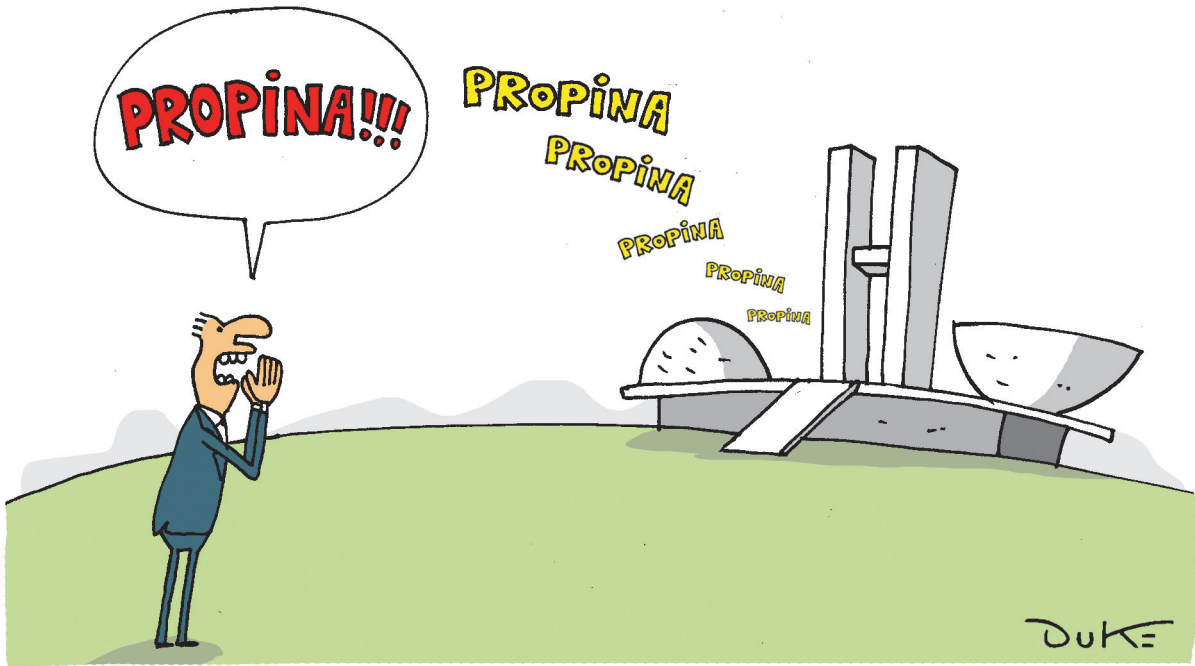
CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Magazine: Milton Luiz (interino)
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

VALE DO ECO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

A cruzada do papa Francisco de satanização da teoria de gênero

Relações não são ditadas só por suas diferenças biológicas

O papa Francisco, do alto da suposta infalibilidade papal, falseia a verdade sobre a teoria de gênero e a considera uma ideologia – uma invenção do contradicurso cristão, de extração católica e evangélica, que é uma das maiores desonestidades intelectuais de todos os tempos! Há uma guerra ideológica de fundamentalistas cristãos no mundo contra o conceito de “gênero”. No Brasil, o acirramento ocorreu na tramitação do Plano Nacional de Educação (PNE, 2014) no Congresso Nacional, que excluiu gênero e orientação sexual, deixando as batalhas finais para as esferas estaduais e municipais – um caos com ares de terceira guerra mundial! E o Senado, afagando negociantes de Deus, excluiu, em 9.3.2016, a perspectiva de gênero como uma das atribuições das secretarias de Políticas para as Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Precisamos ter seriedade diante de palavras cujo envolvimento com a sexualidade é explícito. Por exemplo: intersexuais, gays, lésbicas, bissexuais, transformistas, travestis, transexuais, transgêneros, gênero, identidade de gênero/identidade sexual, expressão de gênero e orientação sexual. Destaco que as interfaces da saúde sexual e dos direitos sexuais com os direitos reprodutivos são relevantes para a sexualidade. É incontestável que há sexo genético (cromatínico), sexo gonadal (hormonal ou endócrino), sexo morfológico (anatômico), sexo psicológico (comportamental, emocional e cognitivo), sexo social, sexo jurídico, papel sexual, orientação sexual e parafilias. E teoria

de gênero? Gênero é uma categoria analítica. Trata do significado político, econômico, cultural e social da feminilidade e da masculinidade. As relações entre os sexos não são ditadas pelas suas diferenças biológicas em si, mas pela construção social de mulher e de homem. Opressão de gênero é a opressão do sexo feminino, resultante dos privilégios masculinos e das relações de poder. Enquanto categoria analítica, referendada pelo sistema Nações Unidas (ONU), gênero foi um “achado” para a análise da cidadania de segunda categoria da mulher – a expressão da opressão de gênero, resquício do patriarcado –, apesar dos limites e das insuficiências na teoria de gênero: o binarismo de gênero, que só inclui mulheres e homens, pois só enfoca aspectos socialmente construídos da feminilidade e da masculinidade (a “criação”) em correspondência com o sexo biológico. O artigo “13 vezes em que o papa Francisco falou contra a ‘ideologia de gênero’ e o ‘casamento gay’” evidencia que, como as cruzadas religiosas contra leitos obstétricos para o aborto atrapalham, mas não impedem o direito de decidir, encontraram novo alvo: a categoria analítica gênero, em nome da defesa

da família! O papa Francisco pratica terrorismo ao dizer coisas tais como: “Há as colonizações ideológicas das famílias, modalidades e propostas que estão na Europa e provêm também de além-mar. E ainda o erro da mente humana que é a teoria de gênero... Assim, a família está sob ataque” (Nápoles, 21.3.2015); “Muitos problemas escondem ideologias... E uma delas – digo-a claramente por ‘nome e apelido’ – é o gênero! Hoje, às crianças – às crianças! –, nas escolas, ensina-se isto: o sexo, cada um pode escolhê-lo” (Cracóvia, 26 a 31.7.2016); “Há uma guerra mundial contra o casamento, e a teoria do gênero é uma grande inimiga do matrimônio” (Geórgia, 1.10.2016). O patriarcado prospera sob o manto do fundamentalismo e deseja que o mundo seja regido por visões teocráticas. E o papel das mulheres em luta é se insurgir contra as trevas!

